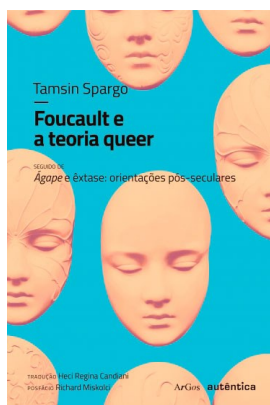


RESENHA – REVIEW - RESEÑA



SPARGO, Tamsin. **Michel Foucault e a teoria queer**. Trad. de Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 96 páginas.

SEXUALIDADE E RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE: REFLEXÕES E AVANÇOS DA TEORIA QUEER

SEXUALITY AND RELIGION IN POST-MODERNITY: REFLECTIONS AND ADVANCES OF QUEER THEORY

SEXUALIDAD Y RELIGIÓN EN LA POST MODERNIDAD: REFLEXIONES Y AVANCES DE LA TEORÍA QUEER

Elaborada pela escritora inglesa Tamsin Spargo, que já lecionou História Cultural na Universidade John Moores, de Liverpool, no Reino Unido e Literatura Inglesa na Universidade de Malaya, na Malásia, a obra intitulada *Foucault e a teoria queer* foi lançada em 2017 pela editora Autêntica. Com tradução para o português feita pela jornalista e cientista social Heci Regina, o livro é composto por dois ensaios que, apesar de suas especificidades, buscam identificar e compreender as bases filosóficas e culturais originárias da Teoria Queer, bem como os avanços dos estudos.

No primeiro texto, a autora comenta os efeitos negativos, ora fatais, que a política sexual, geradora de desigualdades e violências variadas, causou nos sujeitos pertencentes ao movimento queer, que teve origem em um ambiente estadunidense do final dos anos 1980. Partindo destes sujeitos como objeto central de análise, Spargo (2017) retoma conceitos chaves do pensamento de Michel Foucault como a relação entre sexo, sexualidade e poder no ocidente, que foram criticamente descritas



pelo filósofo e historiador francês no conjunto de quatro tomos, intitulado *A História da Sexualidade*. Além de Foucault, Spargo (2017) também aborda a influência que teve de Judith Butler (1990) para elucidar seu debate, que, ao colocar gênero no centro da análise dos desejos e das relações sexuais, propôs o realojamento dessa construção chamada sexualidade para dentro do campo discursivo, e não no corpo dos sujeitos como havia sido pensado até então ou previamente. Com isso, a filósofa estadunidense supõe que chegamos à nossa identidade por meio de padrões comportamentais os quais emergem como representações e produtos de diferentes tecnologias sociais e culturais.

As reflexões suscitadas tanto por Foucault quanto por Butler (1990) nos levam aos conceitos de *camp*, política identitária, heteronormatividade, performatividade, transgeneridade¹ e suas relações com a libertação sexual e o impacto da aids nas teorias da sexualidade. Dessa forma, chegamos à teoria queer, cuja corrente utiliza conceitos pós-estruturalistas, como os dos modelos psicanalíticos de identidade descentrada e instável de Jacques Lacan, de desconstrução de estruturas conceituais e linguísticas binárias de Jacques Derrida, e do modelo de discurso, saber e poder de Michel Foucault. Spargo (2017) localiza, ainda, que grande parte dos estudos queer já realizados situam-se no campo das humanidades, compartilhando o interesse na política de representação e na formação crítica de uma análise cultural engajada.

Conforme a reflexão é desenvolvida, podemos perceber os sentidos múltiplos que o termo queer apreende. Um termo que, conforme Guacira Louro (2004), tem difícil tradução na língua portuguesa, mas que poderia ser comparada a estranho, ridículo, excêntrico. Além de campo teórico e designação de um movimento artístico e assumidamente homossexual, queer pode também ser compreendido como centro de retórica e de estratégias de representação desses grupos minoritários e marginalizados, afirma a autora. Assim, os sentidos negativos que a palavra já carregou, encontrados em muitos discursos homofóbicos, por exemplo, não só passaram por releituras, mas também foram incorporados como afirmação identitária por parte dos próprios homossexuais. Além dos sentidos apontados, dentro da cultura popular, a palavra tem conotação sensual, transgressora, manifestação intencional de uma diferença que não almeja tolerância, tampouco assimilação. Conforme pondera a autora: “Em teoria, queer está incessantemente em desacordo com o normal, a

¹ Todos estes termos podem ser consultados com maior profundidade ao final do ensaio (SPARGO, 2017, p. 52), em palavras-chaves.

norma, seja a heterossexualidade dominante ou a identidade gay/lésbica. É categoricamente excêntrico, a-normal” (SPARGO, 2017, p. 33).

Passando para a segunda parte da obra, que pretende tratar das relações entre a teoria queer e o pós-secularismo, Spargo (2017) sugere possibilidades inovadoras para a discussão tanto sobre a teoria quanto sobre sujeitos desejanter, de forma que as novas tendências poderiam transcender qualquer fundamentalismo e tornarem-se, finalmente, mais justas e inclusivas. Para a autora, o que permitiu traçar uma relação entre ambas as ideias foi o fato de partilharem o mesmo compromisso em refletir as dimensões filosóficas da produção científica, bem como realidades cotidianas e históricas da existência humana.

O pensamento sobre sociedades pós-seculares, cunhado por Jürgen Habermas, nos ajuda a compreender o persistente fenômeno da presença religiosa em um processo de modernização social e cultural já vivido, que decorre da ideia de verbalização do sagrado e conserva o aspecto motivacional dos seus conteúdos religiosos (FREIRE, 2014). Neste momento, a autora cita obras de Zizek, Badiou, Agamben, Derrida, Vattimo, Rorty e Ahmed, e os compreende como autores e autoras que buscaram apresentar formas de reagir aos efeitos de uma economia pós-moderna e que nos permitiram vislumbrar as complexidades que envolvem pensamento, política e relações humanas.

O pós-modernismo, nesse sentido, pode ser entendido como uma experiência cultural particular, uma estrutura de sentimento ou lógica cultural que é, em si mesma, produto de uma mudança das estruturas sociais e econômicas. Para Gómez (2017), o pós-moderno reflete a desilusão ante as falsas promessas da modernidade, como a ideia do progresso, da universalidade e neutralidade da Ciência, da emancipação da humanidade da pobreza, da ignorância e do sofrimento. Em Potter (1998), o percebemos como condição das sociedades ocidentais contemporâneas que deve tornar-se uma filosofia ou um estilo estético, um estado de organização social a ser investigado.

Seja no âmbito econômico ou cultural, estudiosos e estudiosas do tema verificaram que, dentre aquilo que caracteriza o período, a ênfase na orientação para a alteridade e para a impossibilidade de pretensões de verdades fundamentadas se faz presente. Ambas características apontadas são, de acordo com Spargo (2017), associáveis às prioridades e abordagens da teoria queer. No entanto, a autora preocupasse em explorar um novo caminho para transgredir de vez com o

pensamento da alteridade e exclusão: a teoria poderia oferecer, também, uma espécie de crença religiosa. Tal crença seria, sobretudo, inclusiva e poderia superar o impasse do fundamentalismo religioso e político convencional do qual parecemos hoje, extrapolando o desejo como uma falta fabricada, egocêntrica e que nunca está satisfeita. A autora propõe que nos alertemos e observemos com atenção, pois: “Saturada de desejo e enfadada por ele, acho que chegou a hora de considerar o que, para mim, são orientações contingentes e concomitantes, e não forças ou fundamentos de um modo de existência diferente na condição pós-moderna: ágape e êxtase [...]”, (SPARGO, 2017, p. 71).

A discussão dedica-se a aprofundar, também, os conceitos de ágape e êxtase como possibilidade de superações e avanços da teoria queer na atualidade. Ágape, descreve Spargo (2017) designa o amor caridoso, um termo tradicionalmente usado em textos cristãos para descrever o amor aos outros e que foi utilizado outrora por Žižek: “Ele escreve sobre o potencial radical desse modelo de amor para romper com a dialética da Lei e da transgressão da Lei, conforme evidente em múltiplas dimensões (econômica, política, libidinal) da economia contemporânea”, (SPARGO, 2017, p. 72). Já ao falar sobre êxtase, outra noção muito relacionada ao universo cristão, a autora critica a pouca atenção que estudiosos e estudiosas da teoria queer concederam ao universo religioso o que soa estranho se “levarmos em conta o papel do discurso religioso como um dos primeiros contextos da produção de subjetividades sexualizadas [...]”, (SPARGO, 2017, p. 76).

Com isso, somos levados a crer que o fracasso vivenciado na tentativa de manter a ética sem recorrer ao estabelecimento e ao controle normativo, que hierarquiza e classifica os sujeitos como melhores ou piores, limita o potencial de qualquer religião, seja na inclusão de membros de uma sociedade diversificada, seja na hora de corresponder às suas necessidades.

É preciso, portanto, assumir que fé e subjetividade possuem uma condição queer e que sua teoria, no sentido filosófico mais radical, poderia trazer contribuições importantes para o desenvolvimento de novas orientações éticas não assentadas em fundamentalismos. Dessa forma, a teoria retoma questões que os racionalistas e fundamentalistas já haviam encerrado para nos ajudar, diante da nossa condição pós-moderna, a desenvolver resistências e novos sentidos para a fé e para o convívio religioso.

É preciso que muitas revisões históricas sejam produzidas para que possamos criar possibilidades na quais desigualdades e violências não se imbriquem. Devemos, portanto, nos deter em uma teoria pós-hegemônica que produza uma análise da cultura que englobe o Estado sem se subordinar à sua lógica e que nos eleve não somente como seres racionais e científicos, mas também como seres iguais em direitos e possibilidades de existir.

Para além das discussões que pululam dentro dos estudos queers, fica evidente, sobretudo, a desestabilização ao *status quo* vigente, que é heteronormativo, branco, cristão e eurocentrado, ao ousar desconstruir noções rígidas e antigas para pensar sujeitos, sexualidades e performances. O temor causado pela possibilidade de corromper estudantes no mundo todo com debates que desconstroem e desnaturalizam determinados saberes e conhecimentos é reflexo, também, do enfrentamento conservador às novas concepções. Defensores da “ideologia de gênero” e do projeto de lei 7180/14, conhecido no Brasil como “Escola sem Partido”, são exemplos dessa contraposição absurda na qual se retomam argumentos descabidos e obsoletos.

Spargo relata, por outro lado, o quanto a teoria queer tem sofrido acusações por continuar ignorando determinadas opressões ou por subestimar os benefícios a serem obtidos por meio de campanhas identitárias que reivindicam direitos e justiça. A partir disso, a autora afirma que ainda há muito a se avançar.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. de Alcira Bixio Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREIRE, Wescley Fernandes A. **Religião, esfera pública e pós-secularismo: o debate Rawls-Habermas acerca do papel da religião na democracia liberal**. Revista Saberes, Natal, v. 1, n. 10, p. 104-134, 2014.

GOMEZ, Coral Herrera. **La construcción sociocultural del amor romântico**. 4.ed. Madrid: Ed. Fundamentos, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

POTTER, Jonathan: **La representación de la realidad. Discurso, retórica y construcción social**, Paidós, Barcelona, 1998.

Por: **Elaine Schmitt**, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil. E-mail: elaine.schmitt@gmail.com

